

Sobre mulheres e destino

Joelma Rodrigues*

Resumo : Neste ensaio pretendemos analisar sob uma perspectiva feminista, duas personagens fictícias, uma da literatura de Gabriel Garcia Márquez : a mestiça-bastarda “Eréndira” e outra, a não menos singular “Celie” do romance a “Cor púrpura”, um clássico de Alice Walker. Objetivamos assinalar os papéis femininos tradicionalmente impostos nas sociedades ocidentais contemporâneas, a ausência de autonomia dessas personagens, bem como identificar o momento simbólico em que tal autonomia é supostamente conquistada.

Palavras-chave : gênero, geração, violência, feminismo, cultura, corpo, sexualidade, poder, raça, literatura.

About women and fate

Abstract: In this article two fictional characters are analyzed under a female perspective. One from Gabriel Garcia Márquez literature: the mestizo bastard “Eréndira”, and the other “Celie” from the novel “Purple color”, a classic by Alice Walter. It is aimed to point out the female roles traditionally imposed on the contemporary western societies, and the lack of autonomy of these characters, as well as to identify the symbolic moment in that such autonomy is supposedly conquered.

Key words: gender, generation, violence, culture, body, sexuality, power, race, literature.

Julgo desnecessário apresentar qualquer coisa que se assemelhe a um resumo das obras aqui tomadas como pré-textos¹, esclarecendo que tomo “pré-texto” no sentido *do texto que precede*, aquilo que vem antes e serve de “mote”, de “deixa” para que uma outra narrativa possa tomar corpo, ganhar vida.

* Joelma Rodrigues da Silva é mestre e doutora em História pela Universidade de Brasília – UnB, é professora deste 1995 no Centro Universitário de Brasília-UniCEUB, onde ministra “Ética, cidadania e realidade brasileira”. Publicou artigos sobre as relações entre ciência e literatura e sobre diversas formas de violência de gênero. Atualmente suas pesquisas transitam na intersecção entre violência, raça e gênero, é vice-líder do grupo de estudos “PADÊ: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos”. email: joelmarodriguess@gmail.com

¹ GARCIA MÁRQUEZ, Gabriel. **A incrível e triste história da cãndida Eréndira e sua avó desalmada**. SP, Círculo do livro, s/d.. e , WALKER, Alice. **A cor púrpura**. . SP, Círculo do livro, s/d.

Vários são os elementos que aproximam Eréndira e Celie, exploraremos aqueles que nos parecem mais evidentes como definidores do feminino nas sociedades ocidentais contemporâneas, corremos este risco ainda que tenhamos aprendido com Foucault que as evidências devam ser invertidas (Foucault,1998), que o explícito não necessariamente é o mais importante, que o que de fato deve guiar o olhar e a reflexão, o que fica registrado é o não - visível, o não-dito, o que se encontra entre as linhas e às margens do texto.

Cabe-nos apresentar o que compreendemos por gênero. Para isso, assinalamos a inexistência de uma natureza *generizada* e a impossibilidade de identificar/construir uma existência fora da linguagem (e conseqüentemente das relações) que estabelecem feminino(s) e masculino(s). Os gêneros se definem, se iluminam e se conformam nas relações, nas maneiras como nos posicionamos diante d@s outr@s, obviamente tais posições são estabelecidas por incontáveis práticas culturais, são construções de uma civilização da qual somos herdeir@s². Neste sentido Judith Butler esclarece que,

A diferença sexual, entretanto, não é, nunca, simplesmente, uma função de diferenças materiais que não sejam, de alguma forma, simultaneamente marcadas e formadas por práticas discursivas. Além disso, afirmar que as diferenças sexuais são indissociáveis de uma demarcação discursiva não é a mesma coisa que afirmar que o discurso causa a diferença sexual. A categoria “sexo” é, desde o início, normativa: ela é aquilo que Foucault chamou de “ideal regulatório”. Nesse sentido, pois, o “sexo” não apenas funciona como uma norma, mas é parte de uma prática regulatória que produz os corpos que governa, isto é, toda força regulatória manifesta-se como uma espécie de poder produtivo, o poder de produzir – demarcar, fazer, circular, diferenciar – os corpos que ela controla. (BUTLER, 1999:153-154)

Uma vez entendido que o gênero nada tem de natural embora se encontre assentado em uma leitura biofisiológica dos corpos (é somente isso: uma leitura, uma inscrição), podemos também procurar os sentidos atribuídos para *crianças e meninas*. Ora, a palavra criança, em nossa língua portuguesa-brasileira, pertence gramaticalmente ao gênero feminino, o uso de tal termo não faz referências ao sexo, entretanto faz – claramente - ao gênero. Criança : substantivo simples do gênero feminino, antecedido de artigo feminino (a/as, uma/umas) e sucedido/antecedido de pronome feminino (ela/elas).

² Esclareço que o uso da arroba (@), comum no Brasil entre as feministas, pretende assinalar a inscrição dos dois gêneros em uma única palavra.

No substantivo *meninas*, a referência às crianças biologicamente fêmeas é óbvia. De uma representação etária (e, por que não, produtiva?), aparentemente indiferenciada (criança), passamos à elaboração discursiva de um grupo generizado *voltado para o futuro*. Uma menina seria então, uma *pequena fêmea* que deveria ocupar – no futuro – o *lugar* (esposa/mãe/privada, prostituta/pública) a ela reservado. Sendo - no imaginário social instituído - mulheres em miniatura, estão sujeitas aos mesmos ‘usos’, às mesmas representações das fêmeas adultas: tornando-se (por esta razão) alvos das violências especificamente direcionadas às mulheres.

A “inocência” idealizada, imposta e exigida é usada como instrumento de opressão sobre o inocente. Se pensarmos em relações generizadas, a defesa da “inocência” das mulheres e crianças é o solo onde se encontram fixadas sua exclusão, submissão e violação. Isto só é possível por um mecanismo que associa inocência a incapacidade, debilidade, incompetência e dependência. Na verdade, a mulher/menina adjetivada como “inocente” tem negados os meios que lhe possibilitam conduzir-se no mundo. A condição de “inocente” tece a trama que as mantêm presas ao privado, ao pai/marido.

Isto significa dizer que as violências perpetradas contra as crianças são normais e mesmo, necessárias: “é melhor aprender em casa que no mundo”, reza o dito popular, defendendo uma ‘pedagogia da bordoadá’; em casa (e também na rua), quem ‘ensina’ é quem detêm o poder: o macho adulto que, sendo ou não o principal provedor, mantêm os demais membros do núcleo familiar sujeitos às suas agressões³.

As relações generizadas e os lugares engendrados compõem nossa herança (maldita), no difícil aprendizado formulamos mil resistências, algumas (após lutas árduas e longas) conquistaram visibilidade e/ ou alguma simpatia de setores da sociedade civil.

Há porém as outras...

Há um universo de lutas cotidianas e silentes, anônimas, invisíveis, das quais nos aproximamos – neste ensaio - através da única linguagem que parece possuir a capacidade de apreendê-las: a literatura (Machado, 2000). Propositadamente elegemos um escritor e uma escritora, um colombiano e uma negra estadunidense: ambos narram imagens de estupro e comércio sexual de meninas por aqueles que – ao menos inicialmente - deveriam protegê-las (o

³ Como será demonstrado neste artigo, o poder é uma prática, um exercício, logo, o “sexo” daquel@ que o exerce não o torna mais “leve” ou “doce”, o pai e a avó ocupam o lugar de poder nas narrativas e o exercem de forma semelhante. Sobre a categoria poder, ver Foucault, “Historia da sexualidade I – a vontade de saber”, Graal, RJ, 1997. pp.88-97.

pai, o marido e a avó). Ambos informam que tanto o estupro quanto a exploração sexual são eventos alheios à vontade das meninas, que – como boas representantes da metade fêmea da espécie humana que são – não escolhem. *Escolher* é a grande interdição para o feminino: mulheres ‘normais’ não escolhem, não podem e não sabem escolher : são escolhidas e submetidas⁴. As histórias de Celie e Eréndira são representativas do que é *ser objeto de escolha*.

As construções generizadas forjam uma armadura em torno dos corpos sobre os quais são instaladas. Esta armadura não apenas limita como também impede/anula movimentos, caminhadas. Retira – busca retirar - a possibilidade de ocupação de lugares interditos, ao mesmo tempo em que lança as ‘transgressoras’ para espaços abjetos. Assim, as tentativas de ocupação de lugares ‘proibidos’ serão declaradas inumanas, na melhor das hipóteses, anormais⁵.

Mulheres e crianças são entendidas como facilmente seduzíveis e violentáveis; desta forma, na assimilação à representação do feminino, as crianças do sexo masculino estão igualmente sujeitos à violência sexual, ainda que pese sobre as vítimas e os criminosos outras leituras/imagens⁶. Em uma sociedade como a brasileira, nem as mulheres, nem os índios, nem os homossexuais, nem os negros, nem as crianças são sujeitos. A posse do *status* de sujeito é garantida ao outro, ao masculino revestido de pele branca (ou clara).

Eis como o primeiro estuprador de Eréndira avalia a menina-mercadoria que lhe é oferecida em domicílio pela avó-proprietária:

“(...) o viúvo examinou Eréndira com austeridade científica: considerou a rijeza de suas coxas, o tamanho de seus seios, o diâmetro de seus quadris. Não disse uma palavra enquanto não calculou seu valor.(...) Depois fez com que subisse em uma balança para provar com números seu parecer.” (García Márquez, s/d:103)

O comércio (casamento) arranjado pelo pai de Celie se dá nos seguintes termos em uma primeira narrativa de Celie (em carta a Deus):

“Ela é feia, ele [o pai] diz. Mas num istranha o trabalho duro. E é limpa. E Deus já deu um jeito nela. O senhor pode fazer tudo o que o senhor quiser, ela não

⁴ Basta lembrar que uma das punições recebidas por Eva quando da queda : “ ...o teu desejo será para o seu marido, e ele te governará” (Gen.3:16), implica a condenação do desejo feminino, logo, do corpo feminino – sede dos desejos: “vendo a mulher que a árvore era boa para se comer, agradável aos olhos e árvore desejável para dar entendimento, tomou-lhe do fruto e comeu...” (Gen.3:6) itálicos meus.

⁵ Sobre a anormalidade e a abjeção, ver Judith Butler, op.cit..

⁶ Em outra oportunidade esperamos desenvolver uma leitura sobre os ‘usos’, sexuais ou não, dos meninos.

vai botar no mundo ninguém pro senhor dar de comer e vestir.(...) [meses depois , retorna Sinhô] Ela é boa pras criança,o pai diz, sacudindo o jornal mais uma vez. Nunca iscutei ela dizer uma palavra atravessada pra nenhum deles.(...) Sinhô diz, A vaca vem mesmo ? Ele diz, A vaca é dela.” (Walker, 1988:18 e 20)itálicos meus.

Não encontramos diferenças entre as duas negociações. Em ambas uma mercadoria é oferecida e avaliada: uma “vale o quanto pesa” enquanto a outra vale por levar consigo uma vaca na qual Sinhô encontra-se bem mais interessado. Enquanto as qualidades da mercadoria Eréndira são apreciadas diretamente pelo comprador, além da vaca, o pai de Celie oferece trabalho e infertilidade o que garante ao comprador adquirir um “parque de diversões”, onde ele *pode fazer tudo o que quiser*. Seus corpos são apreciados pela quantidade de satisfação que podem garantir, nada lhes é dito, se não são invisíveis (porque lidas), são mudas.

Daí nossa primeira aproximação: a família como *lócus* de uma infinidade de violências materiais e simbólicas que pesam sobre as meninas. Da exploração da força de trabalho, à exploração sexual tudo é muito rápido nas narrativas sobre as quais nos debruçamos, em ambas não há sequer a passagem de uma a outra e sim um acréscimo: ao trabalho doméstico soma-se o uso sexual, mais uma entre tantas funções femininas assumidas – por que impostas – às duas meninas. Quem comanda e distribui as funções é aquel@ que ocupa o lugar de poder (lugar notadamente masculino) nas tramas : em Eréndira é “sua avó desalmada” , em Celie , primeiro o pai e depois o marido (a quem chama “Sinhô”). Em tempo: Eréndira é bastarda, Celie é enteada, estão concomitantemente fora e dentro da família, são e não são. Habitar essa espécie de limbo as deixa ainda mais expostas, ainda mais vulneráveis.

A apropriação do trabalho e do corpo das mulheres no interior da família é há muito objeto de denúncia das feministas, o selo dessas práticas é a assimetria entre o feminino e o masculino.O binarismo estruturante do social e das representações sociais manifesta-se em práticas sexuadas que conferem ao homem força, poder, superioridade permitindo-lhe apropriar-se legitimamente de toda e qualquer “mulher”(destacamos o termo “mulher” por entendermos que nos encontramos frente a uma essencialização, não existe “a mulher”, existem mulheres, plurais, diversas, múltiplas...). Sujeito, dono de si mesmo e de um lugar no mundo, ao homem é dado o direito de possuir uma ou mais mulheres, seu poder, virilidade e virtude são medidos pelo número de mulheres que possui e/ou pode possuir/desfrutar/dispor (Walkerdine,s/d, Guillaumin,1992). O oposto disso é o feminino, é o não sujeito. Não sujeitos = não pessoas, o

não reconhecimento da humanidade das meninas e /ou mulheres materializa-se nas diversas formas de exploração e violência e em seus inúmeros desdobramentos .

Alice Walker vê, no amor, a salvação, o resgate de Celie, ela pode se tornar verdadeiramente dona de sua Vida por que ama. Em Garcia Márquez, Eréndira se livra da avó via assassinato, mas não se torna uma pessoa humana: corre pelo charco e pelo deserto como animal desgarrado. A afirmação de Jacob Gorender : “ o primeiro ato humano do escravo é o crime” se aplicada às histórias de Celie e Eréndira nos leva a perguntar se também as mulheres teriam sua humanidade reconhecida no crime e /ou no ‘desvio’ ? Celie se humaniza. Quanto a Eréndira ... tudo o que o final da narrativa de sua historia nos mostra é a fuga com o “jaleco de ouro”, i.é., com a fortuna que sua avó acumulara durante os seis anos de sua absoluta exploração. Estaria Garcia Márquez sugerindo que *apenas* a posse de fortuna poderia transformar uma (agora) jovem explorada como mão de obra e objeto sexual, em sujeito? Estaria este autor sugerindo que apenas o poder de explorar outrem faz de alguém sujeito? Se respondermos positivamente a estas perguntas, a conclusão óbvia será que, Garcia Márquez reafirma em seu conto que somente o masculino pode ser sujeito, uma vez que somente o masculino pode apropriar-se de outros e ser dono de si⁷.

Segunda aproximação: às personagens falta o domínio sobre seus destinos individuais. Enquanto Celie luta – com o amor da irmã por arma - para aprender a ler e escrever (o que lhe é vetado pelo pai) e para proteger esta mesma irmã do sexo do pai⁸, somos informados logo no início do conto de Garcia Márquez que a história de Eréndira é a história de uma dívida que ela terá de resgatar com o próprio corpo. Isto não deveria causar surpresa, afinal as duas meninas são apresentadas como objetos de troca. A redução do feminino à biologia não é um dado ignorado pelas feministas⁹, ainda assim é preciso assinalar algumas diferenças fundamentais.

Na Eréndira, encontramos uma resistência muda, uma repulsa que cresce como hera – lentamente - no interior da menina que está quase todo o tempo em um estado de torpor, como

⁷ a este respeito, ver GUILAUMIN, Colette. "Pratique du pouvoir et idée de Nature". In **Sexe, Race et Pratique du Pouvoir**- L'a idée de nature. Paris: Coté-femmes éditions, 1992.

⁸ " Eu vejo ele olhando pra minha irmãzinha. Ela tá cum medo. Mas eu digo, Eu que vou tomar conta de você. Cum ajuda de Deus.(...) enquanto nossa nova mamãe tá duente eu peço pra ele me pegá invês da Nettie(...) ele me bateu(...) mas fez cumigo da mesma maneira". (Walker, s/d:13,17)

⁹ A este respeito, sugerimos dentre tantas teóricas, ver os trabalhos de Tânia Navarro Swain, Donna Haraway, Teresa de Lauretis, Carole Pateman e Guacira Lopes Louro (ver bibliografia)

que anestesiada ou adormecida (lembra-se da Bela Adormecida e poupe-me o trabalho de resgatá-la). Ela não tem consciência, não pensa nem reflete, age automaticamente. Talvez por isso ela prefira o comércio sexual administrado pela avó ao casamento - agenciado por missionários católicos – apresentado como mais uma forma de prisão e apropriação:

"O mais difícil naquela caçada de índios era convencer as mulheres que se defendiam da graça divina (casamento) com o argumento verdadeiro de que os homens se sentiam com o direito de exigir das esposas legítimas um trabalho mais rude que das concubinas, enquanto dormiam escarranchados nas redes." (Garcia Márquez, 128)

Todo o drama da “incrível e triste história da cândida Eréndira e sua avó desalmada” é um espetáculo que tem como eixo o corpo, o sexo da menina, a narrativa naturaliza a mulher-biologia, anestesiada, adormecida entre o trabalho compulsório e o sexo compulsório e compulsivo. Nele vemos a reprodução do mito de que as mulheres alimentam secretamente o desejo de ser objeto sexual, vítimas de estupro (Mackellar, 1978:79-94). Eréndira vai se tornar sujeito usando de seu corpo, ela é toda sexo. Em seus poucos momentos despertos é o ódio e a conspiração que orientam e mantêm Eréndira viva. Não há lugar para o “amor” na narrativa de Garcia Márquez, só há lugar para comércio sexual. É o sexo que movimenta, define e mobiliza as personagens. O elemento libertador é o uso que a garota faz de seu sexo: Eréndira, a prostituída, age como *a prostituta* ao manipular o amor que o jovem Ulisses sente por ela (“Ulisses”, personagem com nome de herói que heróica e cegamente cumpre o que lhe é determinado pela amada), em nome deste sentimento o jovem apaixonado assassina a avó e é, no texto, reduzido à condição de criança. O amor retira de Ulisses sua condição de sujeito, de homem, porque o cega e fragiliza:

“ Chamou-a aos gritos, mas não teve resposta. Arrastou-se até a entrada da barraca (...) Fez então um último esforço para persegui-la, chamando-a com uns gritos dilacerantes que já não eram de amante mas de filho. Os índios da avó o encontraram atirado na praia, boca para baixo, chorando de solidão e de medo.” (Garcia Márquez, , s/d:162) itálicos meus.

O amor que reduz Ulisses a um bebê, é em Garcia Márquez, o sexo de Eréndira, sexo capaz de enfeitiçar todos os homens que a conhecem (no sentido bíblico). Não é à toa que este

autor nos faz ler o pára-choque de um caminhão que cruza o deserto: “penso em você, Eréndira”, inequívocos são os dizeres afixados em faixas que anunciam a presença de Eréndira na “*barraca do amor errante*” : “*Eréndira é melhor. Vá e volte, Eréndira o espera. Isto não é vida sem Eréndira.*” (idem, 142 e 145). Em Garcia Márquez, a degradação, violência, humilhação, sujeição e reificação presentes na prostituição denomina-se *amor*, ainda que o autor em alguns momentos se refira à história da menina com a palavra *desgraça*. A desgraça que reduz, condena e aniquila Ulisses é denominada *amor*.

Eréndira por sua vez, parece receber seu destino quando acorda do longo sono que foi sua vida :

“ ... quando se convenceu de que estava morta [a avó] seu rosto ganhou de chofre toda a maturidade da pessoa adulta que não lhe haviam dado seus vinte anos de infortúnio(...) Ia correndo contra o vento, mais veloz que um veado, e nenhuma voz deste mundo poderia detê-la. Passou correndo sem voltar a cabeça pelo ardente vapor dos charcos de salitre, pelas crateras de talco, pelo torpor das palafitas, até que se acabaram as coisas do mar e começou o deserto, mas ainda continuou correndo com o jaleco de ouro para além dos entardeceres de nunca acabar, e jamais se voltou a ter a menor notícia dela nem se encontrou o menor vestígio de sua desgraça.” (Garcia Márquez, s/d:161,162)

Eréndira é transformada de menina em *femme fatale*, o oposto da mulher normal -alvo reconhecido de agressão ou exploração¹⁰ - é sobretudo um animal selvagem que foge como um *veado*, mesmo livre da avó ela não é humana, é biologia e natureza. Em Garcia Márquez, longe da exploração sexual, Eréndira está fora também da civilização: apenas o comércio sexual a faz pertencer à humanidade, assim, Garcia Márquez reforça a noção de que o papel das mulheres na história da humanidade reduz-se ao biológico: o sexo e a reprodução.

O olhar que narra estupros e exploração sexual de uma menina que “acabara de fazer catorze anos “, “quando começou o vento de sua desgraça” (Garcia Márquez, s/d: 97) é o do *voyeur* :

¹⁰ Um dos mitos acerca do estupro desconstruído por MacKellar refere-se aquele que insiste no caráter sedutor da vítima que acende o desejo do(s) agressor (es): “ Un des mythes les plus enracinés à propôs du viol est que l’agresseur aurait été amené à perpétrer son acte parce que la victime éttait attirant.” Ravi par as beauté”, il fut poussé à la ravir. La réalité est que lê désir de viol ne dépend pás du caractere désirable ou non de la victime.. Même s’il se manifeste sur lê plan sexuel, le viol est d’abord un crime de violence et d’agression; non un acte d’erotisme. L’homme qui viole est attiré par le fait que la victime se trouve sans défense: pás par son visage, ni par son corps.(...) Mais le fait qu’elle parût isolée et fragile invitait à l’agression. Elle a été violée parce qu’elle était vulnérable. Ce ne sont pas les véritables beautés qui sont lê plus violées. La plupart des victimes sont des femmes avec qui l’agresseur ne sortirait pas s’il en avait l’occasion. Du point de vue statistique, Miss Univers risque moins de se faire violer que la serveuse vieillissante d’une gargote ouverte jour et nuit. [été attaquée] parce qu’elle se trouvait lá.” Op.cit., pp38-39.

“ Quando Eréndira e o viúvo entraram no alpendre tiveram de se agarrar para que uma rajada de chuva que os deixou encharcados não os derrubasse. Não se ouviam suas vozes e seus movimentos eram descontraídos por causa do fragor da borrasca.À primeira tentativa do viúvo Eréndira gritou algo inaudível e tratou de fugir. O viúvo respondeu sem voz,torceu-lhe o braço pelo pulso e a arrastou até a rede.Ela resistiu arranhando-o no rosto, tornou a gritar em silêncio , e ele respondeu com uma solene bofetada que a levantou do chão e a fez flutuar um momento no ar com o longo cabelo de medusa ondulando no vazio, abraçou-a pela cintura antes que voltasse a pisar no chão,derrubou-a dentro da rede com um golpe brutal, e a imobilizou com os joelhos. Eréndira então sucumbiu ao terror,perdeu o sentido e ficou como que fascinada com as franjas lunares de um peixe que passou navegando no ar da tormenta,enquanto o viúvo a despia rasgando-lhe a roupa com puxões espaçados,como se estivesse arrancando mato,desfazendo-a em largas tiras coloridas que ondulavam como serpentina e se perdiam com o vento.” (p.105)

Eis uma diferença fundamental entre a narrativa de Garcia Márquez e a de Alice Walker: só é possível *poetizar* uma cena de estupro ocupando o lugar do estuprador. Garcia Márquez naturaliza o estupro de Eréndira : “o viúvo a despia ...como se estivesse arrancando mato” enquanto a menina estava “ *fascinada com as franjas lunares de um peixe*”,a narrativa retira do estupro sua violência inerente,erotizando-o,embelezando-o. @ leitor@ não tem diante de si um estupro e sim uma cena sensual ou erótica, um “é assim mesmo” acerca de homens e mulheres e do que é o sexo entre eles: sexo onde as mulheres resistem e os homens atacam. O ataque sexual sobre uma menina, ao ser naturalizado (no sentido de ser parte da natureza), é transformado em uma narrativa poética.

Impossível não pensar sobre os desdobramentos políticos deste tipo de narrativa. Banalizado (no sentido arendtiano), o estupro é inscrito no rol das práticas cotidianas, sem escândalo ou horror o estupro vira “relação sexual”¹¹, apagando-se a dominação, apropriação e violência a ele inerentes

¹¹ MacKeller esclarece este ponto da seguinte maneira:” Quant à discuter du caractere sexuel du viol, il est important de remarquer que dans notre culture, la sexualité est chose diffuse et constante. Non seulement nous sommes entourés d’objets sexuels véritables du style de ces nymphettes sans soutien-gorge, mais aussi de symboles sexuels:elegantes voitures brillant de tous leurs feux,etc...Avant même que le stimulus soit enclenché, il existe um seuil latent de réceptivité, ou l’excitation intérieure se déploie. Le ”champ” sexuel n’est jamais vide,la réceptivité sexuelle ne part jamais de zero.Un bon nombre d’actions de la vie courante peuvent avoir une coloration sexuelle – la décision d’aller nager, par exemple,ou d’aller aux courses. Les motivations sexuelles sont l’élément caché de bon nombre de meurtres, d’agressions, de vols et d’incendies volontaires.Et réciproquement, il arrive qu’un acte sexuel ne soit pas seulement motive par la recherche d’une satisfaction sexuelle, mais puisse être l’occasion d’une revanche ou d’une tout autre satisfaction.” (pp.25-26)

é possível discursivamente transformá-lo em algo desejável, belo, normal e aceitável por homens e mulheres.

Walker, por sua vez, dá voz a Celie :

“Ela [a mãe] foi visitar a irmã dela que é doutora em Macon.Me deixou cuidando das criança.Ele [o pai] nunca teve uma palavra boa pra falar pra mim.Só diz, Você vai fazer o que sua mãe num quis fazer. Primeiro ele botou a coisa dele na minha coxa e começou a mexer.Depois ele agarrou meus peitinho. Depois ele impurrou a coisa dele pra dentro da minha xoxota.Quando dueu ,eu gritei.Ele começou a me sufocar,dizendo É melhor você calar a boca e acostumar.

Mas eu num acostumei nunca.” (Walker,1982:11- itálicos meus)

Vemos aí a diferença mais gritante entre as duas narrativas: a Eréndira construída pelo olhar de Garcia Márquez se *acostumou* (adequou-se à forma de prostituta),por sua vez, a voz de Celie, da quase analfabeta Celie, dá um outro tom ao estupro: onde podemos encontrar sensualidade e erotismo numa cena narrada dessa forma ? Walker justifica a opção de ter Celie como narradora sendo, sobretudo, *política*:

“ Evidentemente se eu descrevesse o estupro de Celie do ponto de vista do estuprador ou do *voyeur*, poucas pessoas – exceto as feministas – ficariam ofendidas.*Sofremos uma lavagem cerebral para nos identificarmos com a pessoa que sente prazer, por mais pervertido que seja; estamos acostumados a ver o estupro do ponto de vista do estuprador.*Eu podia ter dito que Celie sentiu prazer com a violência usando uma linguagem tão bonita e tão distante que muitos leitores teriam aceito como normal. Mas fazer isso seria trair Celie; não só sua raiva,mas a integridade de sua vida. Pois é a linguagem mais do que qualquer coisa que revela e dá valor à existência , e se a linguagem que usamos nos é negada, a forma que podemos assumir historicamente será a de uma caricatura, refletindo a fantasia literária ou social de outra pessoa qualquer.” (Walker,1988: 67) itálicos meus

Seria então, imoral, seria uma impostura erotizar o estupro de Celie, do mesmo modo que é imoral a erotização daquele sofrido por Eréndira, acrescentemos que se Celie “se fala” Eréndira “é falada”, o que faz com que sua história não lhe pertença .Em Celie, encontramos a revolta surda e o ódio que só não é mudo por que ela escreve longas cartas a “Deus”, Celie, a

“não humana”, a “não mulher”, a “não mãe” constrói-se mulher, humana e mãe através da linguagem, através das palavras. A calada Celie, a invisível Celie, Celie que é só as mãos que trabalham e o sexo que *seus donos* (o pai e o Sinhô) usam, desabrocha na linguagem, linguagem que humaniza :

“[...]os seres humanos somos o que somos ao sermos humanos. Quer dizer, somos conhecedores ou observadores ao observar, e ao ser o que somos, o somos na linguagem. Ou seja, não podemos deixar de notar que os seres humanos somos humanos na linguagem, e ao sê-lo, o somos fazendo reflexões sobre o que nos acontece.[...] se não estamos na linguagem não há reflexão, não há discurso, não dizemos nada, simplesmente somos sem sê-lo, até refletirmos sobre o ser.” (Maturana,1999:37-38)

Alice Walker, comentando algumas críticas direcionadas à linguagem utilizada pela protagonista Celie no *A Cor púrpura* (seca e rude, cruel demais, ferindo -todo o tempo- a norma culta...), afirma:

“Pois o padrão de linguagem de Celie e suas palavras não só revelam inteligência, que transforma a fala analfabeta em algo que é às vezes muito belo,muito eficaz para mostrar como ela sente seu mundo,mas revela também o que o sistema racista e sexista fez com ela , e seu desabrochar inteligente como um ser humano, apesar da opressão,demonstra porque seus opressores insistem até hoje em mantê-la submissa. Pois se e quando Celie chegar ao lugar a que tem direito dentro da sociedade,no mundo todo, o mundo será um lugar muito diferente do que é hoje,posso garantir.” (Walker, 1988:72)

É o amor que fortalece Celie: o amor que sente por Deus, pela irmã distante, o amor que dá e recebe de Doci Avery,a cantora. Com amor e por amor, Nettie (a irmã) a introduz no mundo das palavras escritas antes da dramática separação (imposta por Sinhô). É com amor e por amor, que Doci ensina Celie a sorrir, a conhecer seu próprio corpo e a encontrar nele prazer, incentiva-a a criar, a segurar a vida com força e a determinar seu destino,o amor de Doci Avery fortalece de modo a Celie tornar-se autônoma. Não causa surpresa ver que o amor de mulheres e entre mulheres (a irmã e a amante), que a intimidade entre pares liberte Celie, somos humanos perante olhares humanos que reconhecem nossa humanidade. Só o somos com os outros...

A descoberta das cartas da irmã que Sinhô interceptara por mais de duas décadas, desperta em Celie um sentimento até então desconhecido : o ódio (lembramos que Eréndira não

sente, é um autômato). Em toda sua vida ela apenas havia tentado sobreviver: aos estupros, ao trabalho pesado, às surras constantes dadas pelo marido, à solidão e ao abandono, ainda que a sobrevivência cobrasse um preço alto demais:

“Eu nem consigo me lembrar da última vez que senti raiva,eu digo.Eu costumava ficar com raiva da minha mãe porque ela dava muito trabalho preu fazer.Depois eu vejo que ela tá muito duente.Num podia mais ficar com raiva dela. Num podia ficar com raiva do pai porque ele era meu pai. A Bíblia diz, Honra teu pai e tua mãe num importa o quê.Então, *depois de um tempo, toda vez queu ficava com raiva, ou começava a ficar com raiva, eu ficava duente. Tinha vontade de vomitar. Era horrível.Então eu cumecei a num sentir mais nada.*” (Walker, 47) *itálicos meus*

Quando os afetos reprimidos deixam de se converter em “duença” e ameaçam ganhar concretude no desejo de dar fim a vida daquele que encarna toda opressão, é o amor que a impede de matar, o amor de Doci impede Celie de se transformar em uma assassina¹², o amor de Ulisses (manipulado por Eréndira) o faz assassino.

As mãos que matariam Sinhô, que dariam cabo do opressor, as mãos acostumadas ao trabalho útil, repetitivo e necessário agora *atuam* criativamente:

“E todo dia nós vamo ler as carta da Nettie e costurar.
Uma agulha invês da navalha na minha mão, eu penso.
Ela num diz mais nada, só chegou perto de mim e me abraçou.” (135)
itálicos meus.

É aninhada nos braços da mulher que ama, que Celie fala – pela primeira vez – com uma *pessoa* sobre o que foi o estupro¹³, só uma pessoa que ama pode ouvir o que é sofrer um estupro.As palavras de Celie exprimem uma confiança que só pode ser depositada quando há amor, quando há respeito e integridade :

“ As minina tinha um quartinho separado, eu digo,fora, ligado na casa por um corredorzinho de tábua. Ninguém nunca passava lá, só mamãe. Mas um dia quando mamãe num tava em casa, ele veio.Falou pra mim que ele queria

¹² “ Você vai conseguir se controlar?, a Doci pergunta./ Como eu vou conseguir num matar ele?, eu digo./(...) Não eu acho queu vou ficar melhor se eu matar ele, eu digo.Eu sinto que tô duente.Paralisada agora./Não,você num vai.Ninguém fica melhor por matar nada.Eles só sente *uma* coisa e é só./ Isso é melhor que nada./ Celie,ela diz,não é só cum a Nettie que você tem que se preocupar./ Com quem mais?,eu pergunto./Comigo, Celie, pensa um pouco em mim.” (Walker,133)

¹³ A primeira narrativa, Celie a dirige a Deus, a quem escreve por ter vergonha de falar,por considerar-se impura, suja.

queu cortasse o cabelo dele. Ele pegou a tissor e o pente e a escova e um banquinho. Enquanto eu cortava o cabelo dele ele olhava pra mim de um jeito engraçado. Ele tava um pouco nervoso também, mas eu num sabia porque, até que ele me agarrou e fez o que queria comigo entre as pernas dele. Eu fico quieta, discutando o respirar da Doci. Dueu, você sabe, eu digo, eu tava entrando nos catorze. Eu nunca nem pensava que os homens tinham nada lá embaixo tão grande assim. Me dava medo até de olhar. E do jeito que ele mexia e crescia. A Doci tava tão quieta que eu pensei que ela tava durmindo. Depois que ele acabou, eu digo, ele fez eu terminar de cortar o cabelo dele.”(106)

Poder, pela primeira vez na vida, falar e saber que suas palavras serão recebidas por um ouvido humano, de uma pessoa humana que a ama, que não irá julgá-la e muito menos culpá-la, produz uma revolução emocional, um terremoto psíquico tão profundo, que faz Celie reviver toda dor, medo e desamparo, esta explosão emocional é outro diferencial entre a menina de Walker e aquela *anestesiada* de Garcia Márquez:

“ Eu começo a chorar. Eu choro e choro e choro. Parece que tudo volta pra mim, deitada lá nos braços da Doci. Como dueu e como fiquei assustada. Como ardia quando eu acabei de cortar o cabelo dele. Como o sangue descia por minha perna e sujava toda a minha meia. Como ele nunca jamais olhou pra mim de frente depois disso.(...)E depois acontecia que toda vez que via ele chegar com a tissor e o pente e o banquinho, eu começava a chorar.”(107)

Desamparo que não se resume aos estupros seqüenciais: a solidão, o abandono e a sensação de não ter lugar no mundo também podem ser expressas porque abrigada no colo daquela que ama e que lhe dá amor e reconhecimento:

“Minha mãe morreu, eu conto pra Doci, minha irmã Nettie fugiu. Sinhô veio e me levou pra cuidar das crianças malcriadas dele. Ele nunca perguntou nada sobre mim. Ele trepa em cima de mim e fode, fode, mesmo quando minha cabeça tá enfaixada. Nunca ninguém gostou de mim, eu digo. Ela diz, gosto de você Miss Celie. E aí ela se vira e me beija a boca”. (Walker, 107)

Tanto em Eréndira quanto em Celie, é na descoberta de que seus corpos individuais não se reduzem ao cumprimento de ordens e a satisfação dos desejos do Outro (avó, pai, marido, avó, clientes...) que nasce a possibilidade de libertação. É quando descobrem que seus corpos podem ser fonte de prazer *também* para elas mesmas que elas podem adquirir força para romper cadeias. Um dos problemas encontrados na narrativa construída por Garcia

Márquez encontra-se no reforço dado à naturalização do estupro e da exploração sexual de meninas, no reforço da crença de que as mulheres interferem no mundo e adquirem poder através do uso de seu sexo. Encontramos em seu conto todo um esforço para mostrar que estes usos do corpo feminino são incontornáveis e irrefutáveis, a narrativa que ele constrói é absolutamente ofensiva: o prêmio Nobel de literatura presta um desserviço a todas as mulheres e meninas alvos de violência e exploração por erotizar e enaltecer as diversas formas de violência que pesam sobre o feminino.

Walker (mulher e negra) não erotiza a crueldade inerente ao estupro e a exploração do feminino. Walker sente e nos possibilita sentir as incontáveis dores de Célia: nós mulheres, não podemos não nos posicionar, não sofrer, chorar e alegrar juntas, é-nos impossível não nos imanarmos a Célia...

Tudo depende do olho que vê, da face que abriga este olho e do corpo que traz esta face, porque este corpo é abrigo de incontáveis representações sociais que são determinantes dos lugares e modos de agir no social, no político (no discurso e na ação). Em Eréndira encontramos a mulher discursivamente construída pelo masculino (ninfomaniaca – logo insaciável-presa de sua materialidade corporal: único instrumento, única arma, único veículo de acesso ao mundo que a retira do mundo humano, *político* e a mantém amarrada à natureza). Célia, por sua vez, é uma nossa irmã: sentimos Célia em nós e - ainda que algumas de nós escapemos às diversas formas de violência que se abatem sobre nossos corpos “de mulheres”- crescemos e nos humanizamos com Célia, nos tornamos quem somos quando percebemos a grandeza da história desta menina-mulher-negra que, com suas mãos, nos mostra que é possível escrever a vida.

BIBLIOGRAFIA

AEBISCHER , V. e FOREL , C. (org.). **Falas Femininas , Falas Femininas** -sexo e linguagem. Brasiliense: SP,1983.

ARRUDA, Angela (org.). **Representando a Alteridade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

- _____. “Feminismo, gênero e representações sociais”. In: NAVARRO-SWAIN(org.), **Feminismos: teorias e perspectivas**. Textos de História: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília: UnB, 2000, vol.8, n1/2.
- BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo” ”. In: LOPES LOURO, Guacira . **O corpo educado : pedagogias da sexualidade**. BH: Ed. Autêntica,1999.
- COMBES, Danièle. DAUNE-RICHARD, Anne-Marie & DEVREUX, Anne-Marie.”Mais à quoi sert une épistémologie des rapports sociaux de sexe? “. in: HURTIG, Marie-Claude *et alli* (ed.) **Sexe et Genre – de la hiérarchie entre les sexes**. Paris:Ed. Du Centre National de la Recherche Scientifique,1991.
- COSTA, Albertina de Oliveira & BRUSCHINI, Cristina (Orgs.) **Uma questão de gênero**. SP: Rosa dos tempos/Fundação Carlos Chagas,1992.
- DARDIGNA , Anne-Marie . **Les chatêux d'Eros ou les infortunes du sexe des femmes**, Paris: PCM \ Petit Collection Maspero \ Librairie François Maspero , 1980.
- DE LAURETIS, Teresa. “A tecnologia do gênero”.In: HOLANDA, Heloisa Buarque (org.) **Tendências**
- DELPHY, Christine. “El concepto de genero. In: **Iniciativa socialista**, n36, 1995.
- DESCARRIES, Francine. “Teorias feministas: liberação e solidariedade no plural”. In: NAVARRO-SWAIN(org.), **Feminismos: teorias e perspectivas**. Textos de História: revista do programa de FOUCAULT , Michel . **L' ordre du discours** Paris :Gallimard ,1971 .
- _____. **Vigiar e Punir** . Petrópolis:Vozes , 1988.
- GABEL, Marceline (org.).**Crianças vítimas de abuso sexual**. SP: Summus,1997.
- GARCIA MÁRQUEZ,Gabriel. **A incrível e triste história da cãndida Eréndira e sua avó desalmada**. SP, Círculo do livro, s /d..
- GERGEN. Mary McCanney (ed.) **O pensamento feminista e a estrutura do conhecimento**. RJ:Rosa dos Tempos/ Brasília: EdUnB, 1993.
- GUILAUMIN, Colette."Pratique du pouvoir et idée de Nature".In **Sexe, Race et Pratique du Povoir-** L'a idée de nature. Paris: Coté-femmes èditons, 1992.
- HALIMI, Gisèle. “Le crime”, in: CHOISIR- la cause des femmes, **Viol – le procès d’Aix-em-Provence**, Paris:Gallimard,1978.
- HARAWAY, Donna J. “Um manifesto para os cyborgs: ciência, tecnologia e feminismo socialista na década de 80”. In: HOLANDA, Heloisa Buarque (org.) **Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura**. RJ: Rocco, 1994.
- JODELET, Denise. “A alteridade como produto e processo psicossocial”. In: ARRUDA, Angela (org.)
- LARROSA, Jorge & DE LARA, Núria Perez. **Imagens do outro**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LE PÉRON, Martine. “Priorité aux violées”. In: **Questions feministes – mai/78**.

- LOPES LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação** – uma perspectiva pós-estruturalista. RJ: Vozes, 1997.
- _____.(org.) **O corpo Educado** - pedagogias da sexualidade. BH: Autêntica, 1999.
- MACKELLAR. J. **Le Viol – L'appât et le Piège**. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1978.
- MACKINNON, Catharine A. “A rally against rape”(1981) e, “Sex and violence: a Perspective”(1981), in: MACKINNON,C.A **Feminism unmodified** – discourses on life and law. Cambridge, Massachusetts, and London. Harvard University Press, 1985.
- _____, “Rape: on coercion and consent”. In: CONBOY, Katie, MEDINA, Nadia & STANBURY, Sarah (eds.) New York: Columbia University Press, 1985.
- MARION, Marie-André. “Viol em procès”. In: **Questions féministes**. Mai/80.Paris:Ed. Tierce,1980.
- MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. BH: EdUFMG, 1999.
- NAVARRO-SWAIN , Tânia . **O que é lesbianismo**. SP:Brasiliense, 2000.
- _____. “Amazonas brasileiras; impossível realidade? “In: **Revista ETHOS**, ano II, nº3, (jan/jul/2001) ,Brasília:SEPEB,2001.
- _____. “A invenção do corpo feminino ou a hora e a vez do nomadismo identitário”. In: NAVARRO-SWAIN(org.), **Feminismos: teorias e perspectivas**. Textos de História: revista do programa de pós-graduação em história da UnB, Brasília: UnB, 2000, vol.8, n1/2.
- NYE, Andrea. **Teoria feminista e as filosofias do homem**.RJ: Rosa dos tempos.
- PAGELS, Elaine. **Adão, Eva e a Serpente**. RJ: Rocco, 1992.
- SCOTT, Joan W. “Genre: une catégorie utile d’analyse historique”. In: Le genre de l’histoire, **les cahiers du GRIFF**, printemps,1988.
- SUÁREZ, Mireya & BANDEIRA, Lourdes (orgs) *et alli*, **Violência, gênero e crime no Distrito Federal**,Brasília, paralelo 15,
- VIGARELLO, Georges. **A história do estupro** - violência sexual nos séculos XVI/XX. RJ: JZEd.,1998.
- WALKER,Alice.**A cor púrpura**. . SP, Círculo do livro, s /d.
- WALKERDINE, Valerie. “O raciocínio em tempos pós-modernos”. In: **Revista educação e Realidade**, vol. 20 (2), jul/dez –1995, nº3/4, SP: 1995/96.
- WARSHAW, Robin. **Eu nem imaginava que era estupro**. SP: Rosa dos Tempos, 1996.